



**HAL**  
open science

## “Carta para uma mãe homossexual”

Beatriz Carneiro dos Santos

► **To cite this version:**

Beatriz Carneiro dos Santos. “Carta para uma mãe homossexual”. Caro Dr. Freud. Respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade, Editora Autêntica, pp.165-170, 2019, 9788551306093. <hal-03886698>

**HAL Id: hal-03886698**

**<https://hal.science/hal-03886698v1>**

Submitted on 6 Dec 2022

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L’archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d’enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



HAL Authorization

## uma carta para uma mãe homossexual

Beatriz Santos

Paris, 30 de junho de 2018

pois é, querida. Então ontem foi a parada do orgulho LGBT em Paris e o tema foi a reprodução assistida para todas e todos. “PMA, *l'égalité n'attend pas*”. Queremos a procriação medicamente assistida, PMA, para já. A igualdade não espera, não pode esperar. Foi emocionante ver tanta gente na rua falando de parentalidades no plural e exigindo do governo que garanta um acesso universal às tecnologias de reprodução. Uma colega reconhecia um ar de maio de 68 no protesto: via no grupo de manifestantes não apenas um desejo de criar algo novo, mas fundamentalmente a vontade de garantir que aquilo que já existe pra uns, pra umas, esteja também disponível pra todo mundo que quiser ou precisar.

Concordei com ela. É verdade que aqui na França nenhum casal de lésbicas ricas passa aperto na hora de fazer uma inseminação artificial. Basta poder pagar as viagens, as hospedagens e o tratamento na Bélgica, na Holanda, no Reino-Unido ou na Espanha. Mas ser mãe não deveria ser privilégio só de quem tem dinheiro ou é heterossexual, né? Pensei naquele nosso casal de amigos que não podia ter filhos e para quem o governo pagava até seis inseminações artificiais e quatro tentativas de fecundação in vitro. Se lembra da resposta dela quando eu disse, surpresa, que nem sabia que ela queria tanto assim ter filhos? “Nem eu, mas quando se descobriu que ele era infértil, a máquina médica começou a rodar tão rápido que eu nem tive tempo de pensar se era o que eu queria ou não”. Para uma mulher de mais de trinta e cinco anos em um relacionamento heterossexual, a “máquina médica” não tem perguntas. Ela se dispõe imediatamente a acelerar o processo naturalizado que leva a mulher até a maternidade.

Para as outras mulheres, e especialmente para as excluídas do mercado das boas, como diz Virginie Despentes<sup>1</sup> (você já leu? é ótima!), para as lésbicas, as solteiras, as muito velhas ou jovens demais, a afirmação do desejo de ser mãe suscita questões e desconfiança. Numa reunião de trabalho outro dia falávamos de pacientes entre colegas e um psicanalista mencionava uma analisanda que queria ter filhos “apesar de estar numa relação homossexual”. Preocupava-se com o fato da jovem “fazer uso de técnicas novas” para “superar um primeiro obstáculo imposto pela realidade”.

(não tive coragem de dizer nada, mas não conseguia parar de pensar no fato de que tal emérito

---

1 “Eu escrevo sendo feia, para as feias, as velhas, as caminhoneiras, as frígidas, as mal-comidas, as incomíveis, as histéricas, as loucas, todas as excluídas do mercado das boas mulheres” Virginie Despentes (2006) *King Kong Théorie*, Paris, Grasset. [nossa tradução]

colega teve filhas depois dos sessenta anos com uma mulher bem mais jovem. com ou sem ajuda de “técnicas novas” para superar obstáculos “naturais”?)

Te apresento o raciocínio: a analisanda quer ter um filho e para isso pede a ajuda de um amigo, já que não pode beneficiar da reprodução assistida por ser lésbica. O amigo em questão é homossexual, vive com um homem e não deseja criar o filho como seu. Para o analista, ela não se dá conta da “*especularidade*” da situação : “dois casais homossexuais, dois homens diante de duas mulheres partilhando um *mesmo* desejo de ter um filho”. Me surpreendo de ainda encontrar por aqui esta ideia estranha de que um casal homossexual é um casal de mesmos, um conjunto que ignora a diferença. Parece que ainda estamos no fim dos anos noventa, quando os psicanalistas escreviam pro *Le Monde* para explicar que “o homossexual ama o outro enquanto igual a si mesmo” e que “(de)nega a diferença dos sexos” (lembra do Jean-Pierre Winter e o “Cuidado com as crianças simbolicamente alteradas?”<sup>2</sup> Que tempos...)

Eu pergunto então ao colega se sua paciente considera, ela, que está tendo um filho a quatro. Se é assim que ela fala do seu projeto de maternidade. Ele me conta que ela não fala muito do amigo que vai doar o esperma necessário. Aparentemente, tem passado muito tempo nas sessões falando de como a companheira se ressentia quando ela briga com o cachorrinho que acabaram de adotar : “é como se ela visse o filhotinho como uma extensão dela, e achasse que minha falta de paciência com o cão significa que não tenho nem terei paciência com ela – mas eu adoro o cão!”.

É claro que esta é só uma cena; que é possível que ele baseie sua hipótese de que o filho ou filha que vem aí seja “um objeto fálico tanto para as mulheres quanto para os homens, um objeto que será usado para as finalidades narcísicas dos quatro adultos!” em outros elementos da análise da moça. Mas não é estranho perceber como, espontaneamente, a fala da paciente não condiz com o esquema interpretativo que ele parece já ter construído? Para ela, a questão da parentalidade aparece na relação com a mulher, nas construções fantasmáticas que as duas compartilham, na disparidade entre os modos de disciplinar um ser (por enquanto, um cãozinho) que ela percebe. Para ele, a homossexualidade é o elemento central da vida afetiva dela, maior até do que as questões ligadas à sua relação com aquela mulher específica.

Penso naquela conversa que tivemos sobre o texto do Ken Corbett no qual ele descreve como os analistas tem dificuldade de se apoiar no que chama da *experiência do homossexual* para complexificar, desconstruir, bagunçar ou simplesmente expandir o que entendem das classificações de gênero<sup>3</sup>. Ficam tentando reduzir o que pacientes gays e lésbicas vivem à uma dualidade convencional heterossexual que define tudo (de modo limitante) em termos de um masculino ou

---

2 J.-P. Winter (2000) “Gare aux enfants symboliquement modifiés”, in *Le Monde des débats*, edição de março/2000.

3 Ken Corbett (2009). “O mistério da homossexualidade”, *Jornal de Psicanálise*, 42(76), 159-176.

um feminino já previamente determinados. Como se fosse a homossexualidade abafasse a voz do analisando e dificultasse a atenção livremente flutuante do analista. Como se a moça lésbica, o senhor gay, a professora bi, o economista queer, x estudante fluidx, como se todas, todos, todxs, viessem para a análise por causa de suas identidades de gênero ou suas (des)orientações sexuais.

Fica impossível não lembrar do Freud, quando ele responde para aquela mãe americana (em 1935!) que ninguém vem para a terapia por ser ou para deixar de ser homossexual : “o que a análise pode fazer pelo seu filho vai em outra direção. Se ele é infeliz, neurótico, perturbado por conflitos, inibido em sua vida social, a análise pode trazer harmonia, paz de espírito, maior eficiência, quer ele permaneça homossexual ou seja mudado [gets changed]”.

O que a análise pode fazer segue outra direção. Ela permite que a gente avance por linhas diferente das que pareciam orientar o caminho. Torna possível criar novos modos de fazer aquilo que se fazia antes. É por isso que é sempre curiosa essa dificuldade que tem certos analistas de reconhecer o ineditismo no que diz uma paciente sobre ser mãe pela primeira vez, por exemplo. Como se só houvesse a mãe, a maternidade universal, sem nenhuma variação idiossincrática construído pelo sujeito que vira mãe.

Fico sempre feliz de conversar contigo sobre tudo isso. De pensar junto o que quer dizer ser mulher, mãe, lésbica, heterossexual, psicanalista. Sigamos avançando. Ou, como dizia minha colega lá em maio de 68, “*cours camarade, le vieux monde est derrière toi*”. Sigamos correndo que ele não nos alcança.

Um grande beijo pra ti e pras crianças.

Para citar este artigo:

Santos, B (2019) “Carta para uma mãe homossexual” in Iannini, G (ed) Caro Dr. Freud. Respostas do século XXI a uma carta sobre homossexualidade, Belo Horizonte, Autêntica, 2019, pp. 165-170